



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE GESTÃO PÚBLICA
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA**

RAYANE KELY DA SILVA XAVIER

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E AGRICULTURA FAMILIAR:
UM ESTUDO DE CASO NA CAPRIBOM COOPERATIVA DOS
PRODUTORES RURAIS DE MONTEIRO/PB**

**SUMÉ - PB
2024**

RAYANE KELY DA SILVA XAVIER

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E AGRICULTURA FAMILIAR:
UM ESTUDO DE CASO NA CAPRIBOM COOPERATIVA DOS
PRODUTORES RURAIS DE MONTEIRO/PB**

Artigo Científico apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnóloga em Gestão Pública.

Orientador: Professor Dr. Luiz Antônio Coêlho da Silva.

**SUMÉ - PB
2024**



X3e Xavier, Rayane Kely da Silva.
Economia solidária e agricultura familiar: um estudo de caso na Capribom Cooperativa dos Produtores Rurais de Mopnteiro/PB. / Rayane Kely da Silva Xavier. - 2024.

34 f.

Orientador: Professor Dr. Luiz Antônio Coêlho da Silva.

Artigo Científico - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública.

1. Economia solidária. 2. Cooperativa dos Produtores Rurais de Monteiro - PB. 3. Capribom - Monteiro - PB. 4. Cooperativismo. 5. Produtores rurais. I. Silva, Luiz Antônio Coelho da. II. Título.

CDU: 35(045)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

RAYANE KELY DA SILVA XAVIER

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E AGRICULTURA FAMILIAR:
UM ESTUDO DE CASO NA CAPRIBOM COOPERATIVA DOS PRODUTO-
RES RURAIS DE MONTEIRO/PB**

Artigo Científico apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnóloga em Gestão Pública.

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Luiz Antônio Coêlho da Silva.
Orientador – UAGESP/CDSA/UFCG**

**Professor Mestre Ivandro Batista de Queiroz.
Examinador Externo – Rede Estadual da PB**

**Professor Dr. Allan Gustavo Freire da Silva.
Examinador Interno – UAGESP/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 17 de maio de 2024.

SUMÉ - PB

RESUMO

O presente estudo tem como tema a economia solidária e agricultura familiar, mas especificamente um estudo de caso em uma cooperativa de produtores rurais do cariri paraibano e sua vinculação a inserção social dos cooperados. O objetivo geral é avaliar como a Economia Solidária e a agricultura familiar podem ser uma alternativa ao problema do desemprego e inserção social para os cooperados. Esta pesquisa se caracteriza como um estudo descritivo, exploratório, de natureza qualitativa e com a utilização da pesquisa bibliográfica, através de um estudo de caso, com a aplicação de entrevista aos cooperados. Como resultado têm-se que a cooperativa possui um papel fundamental no desenvolvimento local e na vida das pessoas envolvidas. Os ganhos sociais e econômicos resultantes do funcionamento da cooperativa vão desde o aumento da renda e do emprego até o fortalecimento dos laços sociais e a melhoria da qualidade de vida. Portanto, concluiu-se que cabe a gestão pública municipal, aos órgãos de fomento e os colaboradores da cooperativa CapriBom, oferecer treinamentos mais específicos para os membros, como também buscar mais parcerias com outras organizações locais e contratar uma empresa para fazer o marketing nas redes sociais para divulgar seus produtos.

Palavras-chave: Cooperativismo; Inserção Social; Produtores Rurais.

ABSTRACT

The present study has as its theme the solidarity economy and family farming, more specifically a case study in a cooperative of rural producers in the cariri of Paraíba and its link to the social insertion of employees. The general objective is to evaluate how the Solidarity Economy and family farming can be an alternative to the problem of unemployment and social inclusion for the cooperative members. This research is characterized as a descriptive, exploratory, qualitative study with the use of bibliographic research, through a case study, with the application of interviews to the cooperative members. As a result, the cooperative plays a fundamental role in local development and in the lives of the people involved. The social and economic gains resulting from the operation of the cooperative are vast and wide-ranging, ranging from increased income and employment to strengthening social ties and improving quality of life. Therefore, it is concluded that it is up to the municipal public management, the development agencies and the employees of the CapriBom cooperative, to offer more specific training for members, as well as to seek more partnerships with other local organizations, hire a company to do marketing on social networks to promote their products.

Key-words: Cooperativism; Social Insertion; Farmers.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	REFLEXÕES SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A AGRICULTURA FAMILIAR.....	10
2.1	BREVE HISTÓRICO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E AGRICULTURA FAMILIAR.....	10
2.2	A AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL.....	11
2.3	AGRICULTURA FAMILIAR E SUSTENTABILIDADE.....	12
2.4	CONCEITO E FUNCIONAMENTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO OPORTUNIDADE DE SOBREVIVÊNCIA.....	12
2.4.1	Desafios da economia solidária no Brasil.....	14
2.4.2	Inserção social como base da economia solidária.....	15
2.5	COOPERATIVA CAPRIBOM AJUDANDO IMPULSIONAR A ECONOMIA LOCAL DA CIDADE DE MONTEIRO, NA PARAÍBA.....	16
3	METODOLOGIA.....	18
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES.....	27
	REFERÊNCIAS.....	29
	APÊNDICE A.....	32

1 INTRODUÇÃO

O termo “economia solidária” ganhou expressão e oficialidade no Brasil no decorrer dos anos 1990, à medida que despontaram iniciativas econômicas baseadas na livre associação de pessoas reconhecidas por sua índole participativa e por seus princípios de cooperação e autogestão. Com sua expansão, o campo de práticas identificadas com a economia solidária passou a abarcar diferentes categorias sociais e diversas modalidades de organização - incluindo unidades informais de trabalho e geração de renda, associações de produtores e consumidores, cooperativas populares, empresas recuperadas por trabalhadores, sistemas locais de troca e bancos comunitários -, umas e outras dedicadas principalmente à produção de bens, à prestação de serviços, à comercialização e ao crédito.

A economia solidária surgiu no século XX como uma proposta de organização autogestionária do trabalho e da produção que envolve um amplo conjunto de práticas coletivas em busca de novas estratégias de inclusão social e desenvolvimento territorial.

A economia solidária e agricultura familiar andam de mãos dadas no sentido de cooperativas econômicas sustentáveis para aqueles que sobrevivem da agricultura familiar. A agricultura familiar é de suma importância para toda a produção brasileira.

A economia capitalista tem gerado desigualdades sociais e regionais, consequência da divisão internacional do trabalho, em consequência disso, surgindo formas de trabalho precarizadas, inconstantes, fragmentadas e terceirizadas, relacionadas a escravidão nos mais diversos espaços da produção. Assim entende-se que a economia solidária tem por princípios básicos contraditar a exploração da força de trabalho ao propor processos de produção cooperada, associada espontaneamente e sob controle dos próprios trabalhadores, como um modo de produção cuja característica central é a igualdade de direitos, acrescida da autogestão, ou seja “os empreendimentos são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, com cada membro tendo direito a um voto” (Singer, 2002).

Ao contrário do que ocorre no sistema capitalista, que declara a geração de riquezas como fim principal da atividade econômica, o sistema solidário está fundado em valores que consideram aspectos culturais, sociais e ambientais, tendo como princípios básicos a solidariedade, a cooperação, a democracia e a valorização do ser humano. Sabe-se a relevância para o desenvolvimento social sustentável dos empreendimentos de economia solidária (ESS), que passaram a ser tema recorrente na formulação das políticas públicas pelos governos nas diversas esferas da federação (federal, estadual e municipal).

Neste contexto, surgiu a cooperativa dos produtores rurais de Monteiro-PB

(CapriBom), no ano de 2000, quando pouco mais de 20 (vinte) produtores de leite de cabra se reuniram com um grande objetivo: fomentar a caprinocultura leiteira, proporcionando renda ao mercado interno da cidade, visto que esses agricultores, além de produzir para subsistência, podem alocar sua produção em um lugar que beneficia a agricultura familiar, gerando oportunidades de empregos. Esta cooperativa oferece a possibilidade de recolocação no mercado de trabalho, visto que a Economia Solidária fortalece a economia local ao priorizar a produção e o consumo de bens e serviços dentro da comunidade, reduzindo a dependência de grandes empresas, proporcionando oportunidades, priorizando práticas sustentáveis, como a produção artesanal, o comércio justo e o respeito ao meio ambiente.

A presente pesquisa procura interligar duas áreas do conhecimento que ainda estão em campos de estudo na realidade brasileira: inserção social e economia solidária. Neste sentido, esta pesquisa procura responder a seguinte problemática. **Quais as alternativas de inserção econômica e social são demonstradas pela cooperativa CapriBom de Monteiro-PB aos seus cooperados?**

A pesquisa tem como objetivo geral avaliar como a Economia Solidária e a agricultura familiar podem ser uma alternativa ao problema do desemprego e inserção social para os seus cooperados. Dentre os objetivos específicos têm-se: trazer uma breve análise histórica, a fim de compreender os princípios da economia solidária; verificar os avanços da CapriBom de Monteiro-PB, entender como funciona as oportunidades de inserção econômica e social dos seus trabalhadores; e sugerir melhorias para a gestão da economia solidária na cooperativa CapriBom.

Metodologicamente este trabalho pode ser classificado como descritivo e exploratório, de natureza qualitativa, com análise bibliográfica através de um estudo de caso em como a Economia solidária e Agricultura familiar funcionam na cooperativa (CapriBom em Monteiro-PB).

A globalização interfere no mercado de trabalho e em suas relações, sendo que o atual modelo de organização de trabalho está sendo pautado no fim da segurança, na substituição do trabalho integral pelo contingencial, e no crescimento das ocupações por conta própria (AMARO, 2009).

A era da globalização e da intensa competição entre as empresas tem levado a uma acirrada concorrência entre as diferentes capitais. Na busca por aumentar a eficiência e reduzir custos, as empresas investem em novas tecnologias e inovações, o que tem um impacto direto na qualificação da força de trabalho. A necessidade de se adaptar às mudanças tecnológicas e de se manter atualizado em relação às novas demandas do mercado tem levado à exigência de

trabalhadores polivalentes, ou seja, capazes de desempenhar múltiplas funções e de se adaptar rapidamente às mudanças.

No entanto, essa exigência de polivalência muitas vezes acaba resultando em uma maior precarização do trabalho. Com a necessidade de realizar diferentes tarefas, os trabalhadores são submetidos a maior pressão e exigência, sem um aumento adequado na remuneração e sem garantias trabalhistas. Segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), o Brasil é referência mundial em economia solidária, representa 1% do PIB nacional, e a agricultura familiar representa mais de 84% dos empreendimentos rurais brasileiros. A realização de estudos que investiguem alternativas de inclusão social da população mais carente, em conjunto com instituições educacionais e os próprios trabalhadores, é fundamental para o desenvolvimento desses empreendimentos e para a efetividade das políticas públicas voltadas para a promoção da Economia Solidária. Esses estudos podem analisar aspectos como a viabilidade econômica dos empreendimentos, as necessidades de capacitação e formação dos trabalhadores, as possibilidades de acesso a crédito e financiamento, às demandas e preferências dos consumidores, entre outros pontos relevantes.

Dessa forma, essa pesquisa justifica-se por meio da identificação de políticas e ações que possam fortalecer e expandir a Economia Solidária, gerando mais oportunidades de trabalho e renda para a população mais necessitada. Além disso, a realização desse estudo também contribui para o desenvolvimento do conhecimento acadêmico na área, permitindo a troca de profissionais capacitados a atuar na promoção da Economia Solidária e na implementação de projetos e políticas voltados para a inclusão social.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: resumo, introdução, referencial teórico, metodologia, estudo de caso com análise de resultado e discussão, considerações finais e referências.

2 REFLEXÕES SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A AGRICULTURA FAMILIAR

Neste tópico terá o detalhamento do tema Economia solidária e Agricultura Familiar, com a intenção de validar seus conceitos e contexto histórico, melhorando assim o entendimento sobre a CapriBom, visto que o intuito é produzir atividades econômicas sustentáveis, geridas no suporte da cooperação entre os seus trabalhadores/as, em um entendimento de desenvolvimento local e de construção de outras relações sociais, independentes e igualitária. Em função disso, tem-se uma função multidimensional, que vai além do econômico, e engloba veementemente a educação, a cultura, a ação política para a transformação social.

A economia solidária é outro modo de produção, diferente do capitalista, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual (SINGER, 2002). Fundamentada em princípios que defendem a vida humana e a dignidade do indivíduo, a economia solidária constituiu um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e revertido para satisfazer as necessidades de cada um. Além disso, a economia popular solidária é construída sob um conjunto organizacional de empresas, trabalhadores, consumidores e governo que juntos são capazes de construir e fomentar relações interpessoais, trazendo uma melhoria na qualidade de vida e renda da população mais carente.

A agricultura familiar não é diferente, ela é responsável pela maior parte da produção de alimentos no Brasil e no mundo, tratando-se de um modelo sustentável de agricultura, o qual trabalha em harmonia com os recursos naturais, principalmente o solo. Ou seja, a economia solidária e agricultura familiar pode ser capaz de formar uma rede sustentável para um melhor desenvolvimento de uma sociedade.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E AGRICULTURA FAMILIAR

O surgimento da economia solidária pode ser contextualizado dentro do período histórico da Revolução Industrial na Europa (século XIX). Esse foi um tempo caracterizado por profundas mudanças na produção e nas relações de trabalho, com a ascensão da indústria e o surgimento de condições de trabalho extremamente precárias para a classe trabalhadora. Nesse contexto, surgiram diversas vozes críticas que buscavam alternativas ao modelo capitalista emergente, que explorava os trabalhadores e gerava desigualdades sociais gritantes.

Os pensadores mencionados como, Saint-Simon (2002), Charles Fourier (2002), Pierre Proudhon (2002) e Owen (2002), foram precursores importantes dessas ideias alternativas.

No Brasil, assim como ocorreu na Europa, a economia solidária surgiu como forma e alternativa e defesa da classe trabalhadora frente às perdas de postos de trabalho provocadas pelo neoliberalismo (ARROYO E SCHUCH, 2006).

O conceito de economia solidária é algo que está em construção e apresenta várias concepções. O que nos dias atuais denomina-se por economia solidária “ficou por décadas imerso, sob títulos como autogestão, cooperativismo, economia informal ou economia popular” (LECHART, 2005). Desse modo, ainda hoje não foi possível juntar consenso quanto ao termo para designar esta realidade decorrente, “existindo quase tantos conceitos possíveis como acadêmicos dispostos a teorizar esta matéria” (GUERRA, 2007). Porém, têm-se evidente certos significados a ideia da solidariedade, da autogestão dos empreendimentos, onde todos os membros têm voz nas decisões e participam da gestão de forma participativa, e a rejeição à exploração do trabalho buscando relações mais equitativas e dignas, (VEIGA, 2004).

2.2 A AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL

São classificadas como agricultura familiar, segundo a Lei Federal n. 11.326, de 24 de julho de 2006, as áreas inferiores a quatro módulos fiscais, bem como quando a mão de obra utilizada for majoritariamente dos familiares, a atividade agrícola deve compor, no mínimo, metade da renda da família e a gestão do estabelecimento deve ser estritamente familiar. Vale ressaltar ainda que, de acordo com a lei acima citada, como agricultura familiar tradicional entendem-se os agricultores enquadrados na referida lei e que não pertencem à reforma agrária (BRASIL, 2006).

A agricultura familiar é uma parte essencial da economia e da cultura do Brasil. Ela representa a maioria das propriedades rurais no país e desempenha um papel fundamental na produção de alimentos, na preservação da biodiversidade e na manutenção de práticas agrícolas sustentáveis. Os agricultores familiares geralmente têm propriedades menores, cultivam uma variedade de culturas e contam com mão de obra familiar. Eles desempenham um papel crucial na segurança alimentar do Brasil, produzindo uma grande parte dos alimentos consumidos no país, como feijão, arroz, mandioca, frutas e hortaliças.

2.3 AGRICULTURA FAMILIAR E SUSTENTABILIDADE

O termo agricultura familiar está em constante evolução, buscando manter a originalidade vinda das produções camponesas, e, apesar de todas as mudanças que o atual agricultor tem presenciado, não significa que estejam rompendo com os modos de produção anteriores, pois, ao invés disso, procura-se garantir que a tradição camponesa seja fortalecida através da adaptação das novas exigências da sociedade (ALTAFIN, 2007).

A agricultura desempenha um papel fundamental na promoção da sustentabilidade e da responsabilidade sócio ambiental, principalmente devido às suas práticas de cultivo tradicionais e de baixo impacto ambiental, incluindo a produção de alimentos orgânicos.

No entanto, o avanço da mecanização e a expansão do agronegócio têm representado uma ameaça significativa ao meio ambiente e às comunidades locais. O uso intensivo de agrotóxicos, o desmatamento para a expansão das áreas de cultivo e a monocultura, especialmente de culturas como a soja, têm causado sérios danos aos ecossistemas, incluindo poluição, empobrecimento do solo e perda de biodiversidade.

O Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF), por exemplo, oferece apoio financeiro e assistência técnica para os agricultores familiares, incentivando práticas sustentáveis e contribuindo para a geração de renda no campo. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) promove o consumo de alimentos saudáveis e produzidos localmente nas escolas, beneficiando tanto os agricultores familiares quanto os estudantes.

Além disso, o Programa Garantia Safra oferece proteção financeira aos agricultores familiares em caso de perda de safra devido a fenômenos climáticos adversos, ajudando a reduzir os riscos associados à atividade agrícola.

Portanto, esses programas são essenciais para fortalecer a agricultura familiar, garantir a segurança alimentar e promover a sustentabilidade ambiental, contribuindo para um futuro mais equilibrado e resiliente no campo brasileiro.

2.4 CONCEITO E FUNCIONAMENTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO OPORTUNIDADE DE SOBREVIVÊNCIA

Para Laville e Gaiger (2009, p. 570), as economias solidárias são “práticas econômicas de iniciativa de pessoas livremente associadas, com algumas características básicas: algum grau de socialização dos meios de produção; dispositivos de cooperação no trabalho; elementos de gestão democrática”. São formas de organização econômica em que as pessoas se associam

livremente para produzir bens e serviços, compartilhando os meios de produção e cooperando no trabalho. Além disso, essas iniciativas também são caracterizadas pela gestão democrática, ou seja, as decisões são tomadas de forma coletiva e participativa pelos membros envolvidos.

Já Barbosa (2016, p. 31) entende a economia solidária como “modalidade de economia popular, fora do assalariamento formal, que reúne grupos associações, cooperativas ou pequenas empresas pautadas na autogestão”. A economia solidária é uma forma de economia popular que existe fora do mercado formal de trabalho assalariado. Essa modalidade é caracterizada pela organização de grupos ou pequenas empresas que são baseados no princípio da autogestão.

A economia solidária pode ser caracterizada como “um esforço de construção de uma alternativa à produção e de sua distribuição sob a lógica do capital”. Isto é, “no lugar dos interesses do capital, busca-se afirmar a primazia da centralidade humana, as necessidades de quem produz” (MARÉCHAL, 2000, p. 48). A economia solidária é uma alternativa ao sistema capitalista, baseada em princípios de cooperação, solidariedade e centralidade humana. Tem como objetivo promover o bem estar das pessoas, valorizando o trabalho e respeitando o meio ambiente.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES, 2003 apud PANDELÓ, 2010, p.60) compreende a economia solidária como:

[...] um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem. [...] vem se apresentando, nos últimos anos, como inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário. Nesse sentido, compreende-se por economia solidária o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão.

Os autores brasileiros mais discutidos dentro de todas as referências bibliográficas já estudadas, são eles: Gaiger (2002), que percebe a economia solidária como a germinação de uma nova forma social de produção específica; Singer (2002), que entende ser a economia solidária um fenômeno econômico e a reconhece como um modo de produção; Santos (2004), que concebe a economia solidária como não capitalista; e França e Laville (2004), que reconhecem na economia solidária iniciativa econômica com objetivos sociais e de cidadania. De acordo com Houtart (2001) o termo cooperativismo apresenta em seu histórico alguns

fundamentos filosóficos do movimento cooperativo, sendo eles:

- Humanismo: valorização do homem pelo que ele é e não pelo que ele tem.
- Solidariedade: um por todos e todos por um.
- Justiça social: a cada um conforme a sua participação.
- Liberdade; autodeterminação do ser, inclusive para a cooperação.
- Democracia: cada pessoa um voto e decisão pela maioria.
- Participação: uma exigência da vida cooperativa. Todos são donos.
- Responsabilidade: Responder pelas decisões e acompanhar a vida da cooperativa.

Estes fundamentos filosóficos do cooperativismo, são essenciais para promover a cooperação, a inclusão e o bem-estar coletivo dentro de uma comunidade ou um grupo de trabalhadores.

2.4.1 Desafios da economia solidária no Brasil

Observa-se que existem alguns avanços na redução da desigualdade no Brasil, sendo ainda uma dos principais desafios enfrentados pelo país. A recuperação de uma economia estagnada por muitas décadas traz consigo a necessidade urgente de promover a inclusão social. O papel da sociedade civil se torna crucial nesse processo, sendo determinante para impulsionar ações e políticas que visem reduzir as disparidades existentes.

Os quatro principais desafios da economia solidária no Brasil, conforme apresentados por Arroyo e schuch (2006):

1. Institucionalização e reconhecimento

O reconhecimento oficial e a institucionalização da economia solidária como uma prática legítima e eficaz dentro do contexto econômico e político do país são desafios importantes. Isso envolve a criação de políticas públicas específicas, leis e regulamentações que apoiem e promovam a economia solidária.

2. Sustentabilidade Financeira

A garantia de sustentabilidade financeira das iniciativas de economia solidária é um desafio significativo. Isso inclui a busca por fontes de financiamento estáveis e sustentáveis,

além do acesso a crédito e recursos financeiros adequados para o desenvolvimento e a expansão das atividades econômicas solidárias.

3. Articulação e Integração

A necessidade de articular e integrar as diferentes iniciativas e empreendimentos de economia solidária em redes e movimentos mais amplos é outro desafio destacado. Isso envolve a criação de espaços de colaboração, troca de experiências e cooperação entre os diversos atores e organizações envolvidas na economia solidária.

4. Qualificação e Formulação

A qualificação e formação dos trabalhadores e membros das iniciativas de economia solidária são fundamentais para o seu sucesso e sustentabilidade. Isso inclui o desenvolvimento de programas de capacitação, treinamento e educação voltados para o fortalecimento das habilidades técnicas, gerenciais e empreendedoras necessárias para o funcionamento eficaz dos empreendimentos solidários.

2.4.2 Inserção social como base da economia solidária

A inserção social é um processo fundamental que visa integrar os indivíduos na sociedade, garantindo-lhes acesso igualitário a oportunidades econômicas, educacionais, culturais e políticas. Na economia solidária, a inserção social desempenha um papel crucial como base e princípio orientador.

Amartya Sen (2000), desenvolveu uma abordagem multifacetada para entender e promover a inserção social, especialmente em seu livro "Desenvolvimento como Liberdade" (Development as Freedom). Embora Sen não tenha enumerado explicitamente uma lista de princípios sobre inserção social, seus conceitos e abordagens podem ser considerados como princípios orientadores. Aqui estão alguns desses princípios fundamentais:

- **Libertação de Capabilidades:** Sen enfatiza a importância de garantir que todas as pessoas tenham oportunidades iguais de desenvolver e exercer suas capacidades. Isso envolve não apenas prover acesso a recursos básicos como saúde, educação e emprego, mas também remover as barreiras que limitam as escolhas e oportunidades das pessoas.
- **Justiça Social e Equidade:** Sen argumenta que a justiça social requer a eliminação das desigualdades que limitam a liberdade e a capacidade das pessoas de buscar seus objetivos e

aspirações. Isso inclui não apenas a distribuição equitativa de recursos materiais, mas também a criação de instituições e políticas que promovam a igualdade de oportunidades.

- **Participação e Empoderamento:** Sen destaca a importância da participação ativa das pessoas no processo de tomada de decisão que afeta suas vidas. Ele argumenta que o empoderamento das pessoas para participar das escolhas que as afetam é essencial para promover a inclusão social e a democracia.

- **Desenvolvimento como Liberdade:** Para Sen, o desenvolvimento não deve ser medido apenas pelo crescimento econômico, mas sim pela expansão das liberdades reais das pessoas para viverem as vidas que valorizam. Isso inclui liberdades políticas, liberdades econômicas, liberdades sociais, e assim por diante.

Esses princípios de Amartya Sen oferecem uma estrutura conceitual valiosa para entender e promover a inserção social, destacando a importância da liberdade, da equidade, do empoderamento e da participação para garantir que todas as pessoas tenham a oportunidade de viverem vidas dignas e realizadas. Sen destaca que a promoção da inserção social requer políticas e programas que visem a redução das desigualdades, ele argumenta que a inclusão social não só é um imperativo ético, mas também contribui para o desenvolvimento humano e econômico sustentável de uma sociedade.

2.5 COOPERATIVA CAPRIBOM AJUDANDO IMPULSIONAR A ECONOMIA LOCAL DA CIDADE DE MONTEIRO, NA PARAÍBA

A instituição CapriBom começou a sua história no ano 2000, quando pouco mais de 20 (vinte) produtores leite de cabra se reuniram para formar a Associação dos Ovinocaprinocultores do Cariri Ocidental Paraibano- AOCOP. Nos dois primeiros anos de trabalho, eles procuraram a ajuda do Cooperar e conseguiram os recursos para construir uma Unidade de Beneficiamento de Leite de Cabra e aderiram ao sistema de pasteurização rápida, produzindo uma média de 200 litros de leite de cabra diariamente. A organização foi crescendo a cada ano e em 2006 eles já possuíam uma equipe de 120 (cento e vinte) colaboradores e a produção diária de 2.000 litros de leite de cabra.

Foi nesse mesmo ano que eles aderiram aos status de cooperativa, passando a se chamar Cooperativa dos Produtores Rurais de Monteiro Ltda-CAPRIBOM. Atualmente, em 2023, após quase 17 anos de atuação, a CAPRIBOM alcançou o feito de 594 cooperadores ativos, gerando 50 empregos diretos e mais de 1.000 indiretos. A produção alavancou para 5.000 litros de leite

de cabra e 11.000 litros de vaca diariamente, assim como a fabricação dos derivados, como requeijão, manteiga, iogurtes, requeijão e doces. Em breve, eles também pretendem fazer a comercialização de carne caprina e bovina.

Além disso, o Estudo Econômica e Análise de Viabilidade para Gestão de Abatedouro em Monteiro PB pela CAPRIBOM revelou que, durante o trabalho ativo da cooperativa, o rebanho caprino cresceu em aproximadamente 300% a comercialização de leite progrediu em 52% e a venda de caprinos e ovinos foi ampliada em 149%. Assim, esse trabalho grandioso trouxe diferencial não só para a instituição, mas também para o município de Monteiro e a região do Cariri, a qual atualmente a produção agropecuária do cariri ocupa 10% do valor do PIB da Agropecuária do Estado da Paraíba, sendo a atividade econômica com maior representatividade no cenário estadual da região.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa procurou analisar as práticas e ações da cooperativa dos produtores rurais CapriBom de Monteiro-PB como formas de desenvolvimento local e inserção social. Com isso foi necessário realizar entrevistas contendo perguntas semi estruturadas abertas e fechadas, a cooperativa é formada por aproximadamente 50 cooperados diretos e mais de 1000 indiretos. Para este estudo contemplou-se uma entrevista com 11 cooperados diretos, totalizando 22% do total de colaboradores (as) da cooperativa, contendo 20 (vinte) questões que aprofundam o perfil dos colaboradores(a), a faixa etária, o grau de escolaridade, renda mensal, o treinamento dos membros e a participação da gestão municipal para o desenvolvimento da cooperativa. Portanto, os procedimentos metodológicos da pesquisa foram classificados em descritivos e exploratórios, com natureza qualitativa, através de um estudo de caso com aplicação das entrevistas e anotações no caderno de campo da pesquisadora no período do mês de abril de 2024.

A entrevista foi dividida em 03 (três) blocos que tratavam dos temas: características dos cooperados, perfil da cooperativa e perguntas sobre a satisfação dos cooperados com o trabalho como produtor rural da cooperativa. Havendo também uma certa dificuldade na entrevista, na qual a pesquisadora pretendia entrevistar mais cooperados, porém alguns outros cooperados não estavam presentes no local, no momento exato da entrevista, passando a ser entrevistados apenas onze cooperados.

Metodologicamente, o trabalho utiliza em sua análise bibliográfica obras de autores indispensáveis para entender a dinâmica da economia solidária e que contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento de seu arcabouço teórico, dentre os quais pode-se destacar: Paul Singer (2002), Arroyo (2006), Flávio Camargo Schuch (2006) e Luiz Inácio Gaiger (2003), etc. Também foram utilizados sites governamentais, como por exemplo IBGE e Bndes.

De acordo com Vieira (2002,p.6), “as pesquisas descritivas compreendem grande número os métodos de coleta de dados os quais compreendem: entrevista pessoais, entrevistas por telefone, questionários, pelo correio, questionários pessoais e observação”. Essa variedade de técnicas permite aos pesquisadores explorar diferentes aspectos do fenômeno estudado e obter uma compreensão mais completa do objeto de pesquisa.

Para Figueiredo e Souza (2011, p. 103):

A pesquisa exploratória consiste também em investigações empíricas, porém o objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.

Na pesquisa exploratória são frequentemente utilizadas abordagens tanto qualitativas quanto quantitativas para ajudar a explicar ou compreender fenômenos ou questões que precisam ser esclarecidas pelo pesquisador.

Conforme Figueiredo e Souza (2011,p.125), “as perguntas abertas destinam-se a obter respostas livres e são mais utilizadas para as pesquisas qualitativas”. Esse tipo de pergunta permite que os participantes expressem suas opiniões, sentimentos e experiências de forma mais ampla e detalhada, o que é essencial para explorar profundamente os fenômenos estudados na pesquisa qualitativa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

No presente estudo investigamos os colaboradores da cooperativa dos produtores rurais CapriBom (Monteiro-PB). Os resultados obtidos que serão apresentados e discutidos neste trabalho, encontram-se em seu estágio inicial, o que não nos permite uma análise completa, mas sim do que tem promovido até o presente momento.

Nesta seção, iniciamos destacando os principais resultados encontrados no estudo, seguidos por uma análise crítica e discussão dos achados. Em primeiro lugar, apresentamos uma visão geral dos participantes e procedimentos metodológicos para contextualizar os resultados. Em seguida, examinamos os resultados em relação aos objetivos específicos do estudo, destacando padrões, tendências e relações identificadas nos dados.

A cooperativa dos produtores rurais CapriBom de Monteiro está localizada no cariri paraibano. A cidade de Monteiro possui cerca de 32.277 mil habitantes segundo os dados do IBGE (2002).

Para Singer (2000), um dos grandes desafios da autogestão é a superação da descrença generalizada na capacidade de meros trabalhadores de gerir com eficiência todo o processo produtivo. A autogestão busca empoderar os trabalhadores, reconhecendo e aproveitando suas habilidades, conhecimentos e experiências para tornar o processo produtivo mais eficiente e sustentável. No entanto, essa abordagem enfrenta resistência e ceticismo por parte daqueles que estão acostumados com estruturas hierárquicas tradicionais e duvidam da capacidade dos trabalhadores de assumir responsabilidades de gestão. Superar essa descrença requer não apenas demonstrações práticas de sucesso da autogestão, mas também uma mudança cultural e uma abertura para novas formas de organização e liderança nas empresas.

Outro viés abordado pela CapriBom-Monteiro, são as participações em eventos públicos, feiras e eventos, pois acaba gerando um marketing positivo e acima de tudo é uma forma eficiente de demonstrar os produtos que estão disponíveis na sua central de comercialização. No que compete à participação em feiras para pereira (2009, p.42).

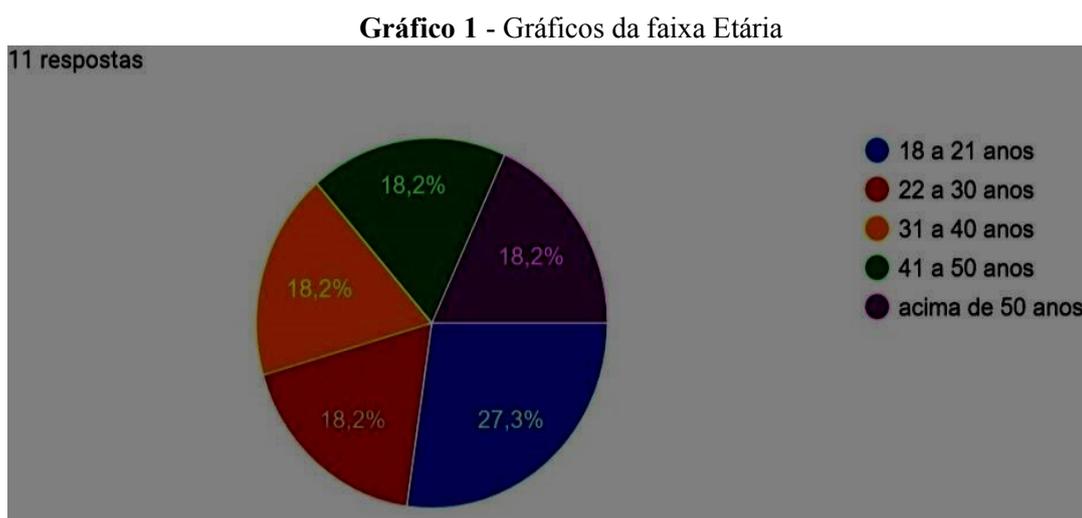
No que concerne a participação de eventos públicos e feiras: é recomendável que os grupos disponham a participar de eventos públicos e feiras de comercialização como estágio de processo de aprendizagem, no que se refere a comercialização, Marketing e geração de receita.

A autogestão subentende a existência de autonomia e capacitação para a administração coletiva pelos atores sociais do negócio, sem dependência de entes governamentais com a partilha do poder e o controle da vida do empreendimento solidário pelos seus membros

(ANTEAG, 2005).

Com base nas informações coletadas durante a entrevista e a aplicação do questionário, foi possível obter uma compreensão mais precisa do perfil dos cooperados. A entrevista foi estruturada em 03 (três) blocos distintos: Primeiro bloco foi analisado as características dos cooperados, as sete primeiras perguntas diziam respeito à faixa etária, seu nível de escolaridade, tempo de cooperação e renda mensal; O segundo bloco de perguntas abordou o perfil da cooperativa, incluindo mudanças percebidas pelos cooperados após a associação, aspectos que deveriam ser alterados na cooperativa, entre outros. O terceiro e último bloco de perguntas estava relacionado à satisfação dos cooperados com o trabalho como produtor rural.

Diante disso, nos dados coletados, observou-se que a distribuição de gênero entre os colaboradores é desigual, com 63,6% sendo do gênero masculino e 36,4% do gênero feminino, quanto à faixa etária dos cooperados, a variação é de 18 a 54 anos, com a seguinte distribuição: até 30 anos 5(cinco) produtores, de 31 a 40 anos 2(dois) produtores(a), de 41 a 50 anos 2 (duas) produtoras, acima de 51 anos 2(dois) produtores(a). O Gráfico 1 mostra a faixa etária dos produtores e produtoras do estudo.



Fonte: Elaboração própria (2024).

No contexto apresentado, a economia solidária surge como uma alternativa ao modelo predominante do capitalismo, buscando promover relações econômicas mais justas, democráticas e solidárias. Nesse sentido, as associações e cooperativas que adotam os princípios da economia solidária buscam estabelecer novas formas de organização e gestão econômica, baseadas na autogestão, igualdade e solidariedade entre os seus membros.

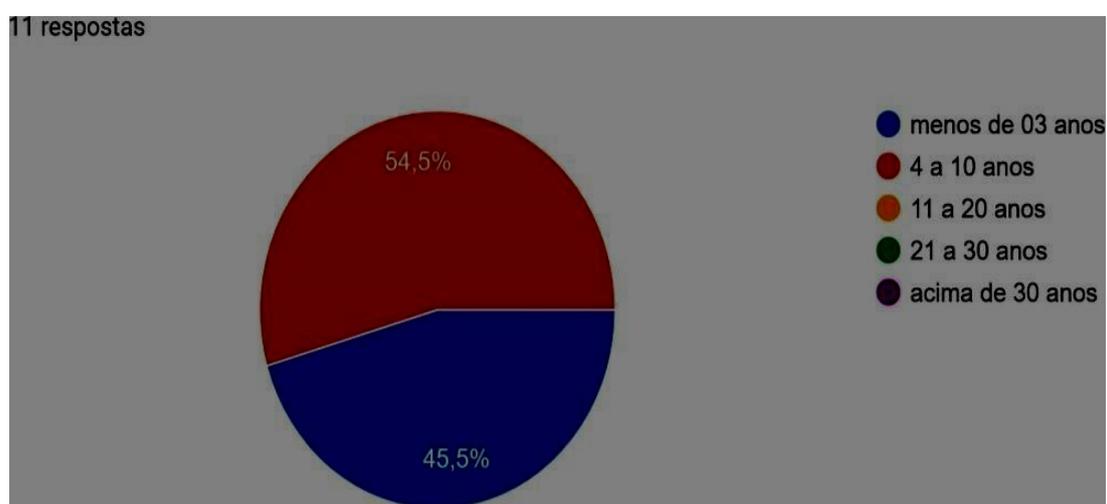
Assim, de acordo com Singer (2003, p. 46-47).

Muitos autores interpretam a economia solidária como forma de resistência dos setores populares à crise no mundo do trabalho e ao quadro de exclusão social. Entre eles, vários enxergam, além do caráter emergencial e imediato, também um potencial de transformação social e entendem a economia solidária não só como uma necessidade material, mas também como uma opção ideológica. Alguns argumentam inclusive que se trataria de economia alternativa ao modelo capitalista. Segundo as diferentes abordagens, esse caráter alternativo pode ser entendido como resposta da tradição socialista de base associativa e autogestionária ao colapso do socialismo real (uma economia socialista), ou pode ser analisado dentro do contexto de formas mais recentes de resistência social por meio da organização da sociedade civil, ou ainda pode levar em conta que a economia dos setores populares se contrapõe a economia capitalista, porque envolve setores do trabalho e não do capital (daí os termos economia popular e economia do trabalho, muito usados na América Latina).

Singer destaca que a economia solidária muitas vezes envolve setores do trabalho em oposição aos setores do capital, o que leva ao uso dos termos "economia popular" e "economia do trabalho", especialmente na América Latina. Esses termos ressaltam a natureza centrada no trabalho da economia solidária e sua ênfase na valorização e organização dos trabalhadores como agentes de mudança econômica e social.

Com relação ao tempo de cooperação na CapriBom, percebe-se que varia de menos de 3 a 10 anos, portanto situam-se em menos de 03 anos 8(oito) cooperados e de 04 a 10 anos 03 (três) cooperados. O Gráfico 2 mostra estes resultados.

Gráfico 2 - Gráficos do tempo de cooperados na Capribom

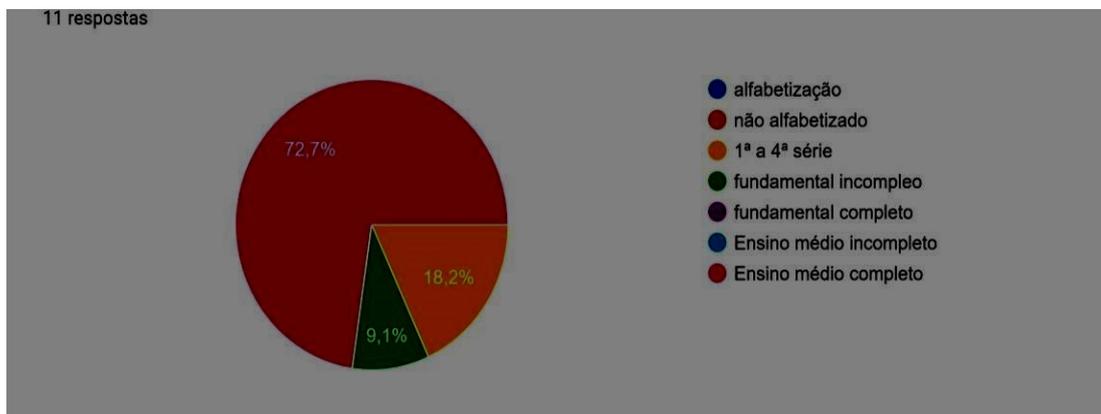


Fonte: Elaboração própria (2024).

Já de acordo com o grau de escolaridade dos produtores rurais, percebe-se que varia de ensino fundamental incompleto, dá 1º a 4º série e ensino médio completo. Com o ensino fundamental incompleto situam-se 1(um) cooperado, de 1º a 4º série 2(dois) cooperados e

ensino médio completo 8(oito) cooperados. O Gráfico 3 mostra estes resultados.

Gráfico 3 - Gráficos do grau de escolaridade dos cooperados

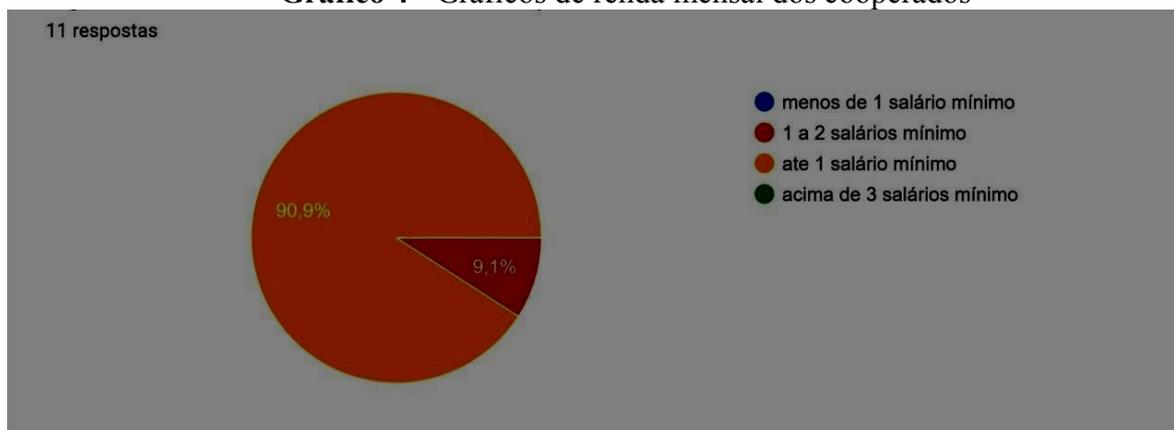


Fonte: Elaboração própria (2024).

A maioria dos cooperados possui pelo menos o ensino fundamental completo, com a maioria deles tendo o ensino médio completo. Isso pode indicar um nível razoável de educação na comunidade agrícola em questão, o que pode ser positivo para aplicação de práticas agrícolas modernas. No entanto, é importante notar que a educação formal não é o único indicador de conhecimento ou habilidade dos agricultores. Muitas vezes, o conhecimento prático e a experiência acumulada ao longo dos anos também desempenham um papel fundamental no sucesso das operações agrícolas. Combinar esses dois tipos de conhecimento pode levar a resultados ainda mais positivos.

Quanto a renda mensal dos cooperados varia de 1 (um) salário mínimo até 2 (dois) salários mínimos. Um salário mínimo situam-se 12 (doze) cooperados e até 2 salário 1 (um) cooperado. O Gráfico 4 mostra estes resultados.

Gráfico 4 - Gráficos de renda mensal dos cooperados



Fonte: Elaboração própria (2024).

Esses dados mostram que a maioria dos cooperados recebe uma renda mensal próxima

do salário mínimo, o que pode indicar que a comunidade agrícola enfrenta desafios econômicos significativos. É importante considerar que a renda mensal é apenas um aspecto da situação financeira dos cooperados. Outros fatores, como dívidas, acesso a crédito agrícola, custos de saúde e educação, também podem influenciar sua capacidade de prosperar no campo.

De acordo com a segunda seção do questionário aplicado com os 11 (onze) cooperados, temos os seguintes resultados. Ver a figura 5.

Tabela 1 - Quadro sobre a CAPRIBOM e a opinião dos cooperados

Questões	Opções de respostas	Porcentagem (%)
A capribom possui sede própria?	S	100
	i	%
	m	0%
	N	
A gestão municipal contribui para a melhoria econômica dos cooperados?	ã	
	o	
	S	0%
	i	100
Os membros participam das decisões da cooperativa?	m	%
	N	
	ã	
	o	
Em sua Opinião a gestão municipal poderia contribuir mais para o desenvolvimento da cooperativa?	S	100
	i	%
	m	0%
	N	
Você acha que é importante a participação dos sócios nas decisões da cooperativa?	ã	
	o	
	S	100
	i	%
	m	0%
	N	
	ã	
	o	

Fonte: Elaboração própria (2024).

Com relação a segunda etapa do questionário foi perguntado aos cooperados como a gestão municipal poderia contribuir mais com o desenvolvimento da cooperativa? Todos os 11

(onze) cooperados responderam que através da compra dos seus produtos para as merendas escolares já que a cooperativa faz parte da agricultura familiar seria de uma grande ajuda.

Já a terceira e última sessão foi perguntado o que mudou na sua vida depois de tornar-se um colaborador da CAPRIBOM? Todos responderam que a principal mudança foi saber que terá uma renda todo mês.

Ainda perguntou-se qual a principal dificuldade que a CapriBom enfrenta? Todos responderam que é a venda dos produtos fabricados, já que muitas vezes não conseguem vender nos pequenos negócios da cidade.

Na mesma sessão vejamos a figura 6 com mais perguntas abordadas ao longo do questionário.

Tabela 2 - Quadro sobre a opinião dos cooperados e a renda

Questões	Opções de respostas	Porcentagem %
Na sua opinião você acha que a cooperativa melhora o desenvolvimento da cidade?	Si	100%
	m	0%
	N	
	ã	
	o	
Você está satisfeito com o seu trabalho na cooperativa?	Si	100%
	m	0%
	N	
	ã	
	o	
Você acredita que a renda que você produz deveria ser mais valorizada?	Si	100%
	m	0%
	N	
	ã	
	o	

Fonte: elaboração própria (2024).

De acordo com a primeira questão do quadro, a maioria respondeu que a cooperativa melhora o desenvolvimento da cidade na geração de trabalho e renda. Quanto à segunda pergunta do quadro, a maioria dos cooperados responderam que estão satisfeitos com o seu trabalho, pois seu único ganho financeiro vem da cooperativa. E em relação a última pergunta respondida por 100% dos colaboradores disseram que sua renda deveria ser mais valorizada pois torna-se um trabalho perigoso, no sentido de mexer com máquinas e caldeirões quentes. Ainda na última sessão foi perguntado se existe alguma sugestão, crítica ou comentário que gostaria de fazer e não foi contemplado nas perguntas anteriores? Se sim, qual? 100% dos

cooperados não quiseram opinar. Sendo assim, observa-se que a cooperativa desempenha um papel fundamental no desenvolvimento local e na vida das pessoas envolvidas.

Assim, mais importante até que conhecer o funcionamento geral das várias etapas produtivas às quais se dedica a cooperativa, acredito que a eficácia econômica é fundamental, mas não deve ser o único critério para avaliar uma prática autogestionária. O desenvolvimento humano é igualmente importante, e a autogestão oferece uma oportunidade única para os praticantes crescerem não apenas como trabalhadores, mas também como cidadãos ativos e conscientes. Ou seja, mais que capacitação administrativa, o que Singer considera fundamental para a “autogestão” é que os trabalhadores adquiram capacitação democrática, participativa, com qualidade, responsabilidade e solidariedade.

O perigo de degeneração da prática autogestionária vem, em grande parte, da insuficiente formação democrática dos sócios. A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes. Participar das discussões e decisões do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura. (SINGER: 2002a, p. 21)

Portanto, ao valorizar e apoiar as cooperativas e ao fomentar uma gestão pública eficiente e comprometida com os princípios cooperativistas, é possível criar condições para uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável. Essa cooperação pode ser um catalisador poderoso para a transformação positiva da realidade local e para o alcance do desenvolvimento sustentável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Neste estudo investigamos a Economia solidária e Agricultura familiar na CapriBom (Monteiro-PB), com o objetivo de analisar como a Economia solidária e agricultura familiar pode ser uma oportunidade de emprego e conseqüentemente de inserção social para os colaboradores da cooperativa. Onde podemos concluir que no decorrer deste trabalho a CapriBom-Monteiro-PB contribuiu com o desenvolvimento e a profissionalização dos membros, ofertando acima de tudo sua produção, tornando a CapriBom ainda mais produtiva.

Com investimentos necessários e adequados em economia solidária pode-se proporcionar uma alternativa ao modelo capitalista tradicional, que frequentemente privilegia o lucro acima de outras considerações. Enquanto o método capitalista tem sido criticado por ser agressivo e centrado no lucro, a economia solidária oferece uma abordagem diferente, focada em atividades econômicas sustentáveis e baseadas na cooperação entre trabalhadores. Esse modelo de desenvolvimento tem o objetivo de criar atividades econômicas que não apenas gerem renda, mas também promovam a solidariedade e o empoderamento local. A economia solidária busca construir relações sociais mais equitativas e emancipadoras, ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento local sustentável.

Como podemos observar a CapriBom-Monteiro-PB, trouxe um diferencial grandioso não só para a instituição, mas também para o município de Monteiro e a região do cariri a qual atualmente ocupa 10% do valor do PIB da Agropecuária do Estado da Paraíba, sendo atividade econômica com maior representatividade no cenário estadual da região.

Como resultado têm-se que a cooperativa possui um papel fundamental no desenvolvimento local e na vida das pessoas envolvidas. Os ganhos sociais e econômicos resultantes do funcionamento da cooperativa são vastos e abrangentes desde o aumento da renda e do emprego até o fortalecimento dos laços sociais e a melhoria da qualidade de vida. Porém, a cooperativa passa por muitos desafios, principalmente na geração de renda com a comercialização de seus produtos, no marketing e na ausência da gestão municipal.

Sendo assim, sugere-se que cabe a gestão da cooperativa CapriBom- Monteiro-PB, investir em programas de capacitação e educação para os membros da cooperativa que podem ajudar a fortalecer a capacidade da organização e aumentar a eficiência das operações. Isso pode incluir treinamentos em habilidades técnicas específicas, gestão de negócios, agricultura sustentável, entre outros, além disso a cooperativa pode procurar parcerias com outras

organizações, como ONGs, empresas locais, instituições educacionais ou outras cooperativas, pode trazer recursos adicionais, conhecimentos e apoio que podem ajudar a compensar a ausência de apoio municipal. Como também investir nas redes sociais, pois nos dias atuais é uma ferramenta extremamente poderosa e acessível para promover uma cooperativa. Criar perfis em plataformas como Facebook, Instagram e LinkedIn e compartilhar regularmente conteúdo relevante, como fotos dos produtos, histórias dos membros da cooperativa e informações sobre eventos e promoções, pode ajudar a aumentar a visibilidade da cooperativa.

Portanto, implementar essas sugestões pode ajudar a fortalecer a posição da cooperativa, mesmo diante da ausência da gestão municipal e dos desafios de comercialização dos seus produtos e sua divulgação, como também é essencial novos estudos nessa área para garantir sua qualidade, relevância e contribuição para o conhecimento acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UnB, p. 2007.
- AMARO, R. **A Economia Solidária da Macaronésia – um novo conceito**. Revista de economia solidária, ACEESA, 2009
- ANTEAG. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS DE AUTOGESTÃO E PARTICIPAÇÃO ACIONÁRIA. **Autogestão e Economia Solidária: Uma metodologia participativa**. 2º vol. São Paulo: Anteag, 2005.
- ARROYO, João Cláudio Tupinambá; SCHUCH, Flávio Camargo. **Economia popular e solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável**. 1 ed. Brasil: Fundação Perseu Aramo, 2006. 112 p.
- BARBOSA, R. N. C., **Economia Solidária: estratégia de governo no contexto de desregulamentação social do trabalho**. In M. O. S. SILVA & M. C. YAZBEK. (org.) políticas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo. São Paulo: Cortez, 2016. Contexto, 2003.
- BRASIL. Senado Federal. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: . Acesso em: 30 outubro. 2020
- Desenvolvimento Como Liberdade Amartya Sen | priscila palacci – Academia.edu. Acesso em: 19/04/2024.
- FIGUEIREDO, Antônio Macena de; SOUZA, Soraia Riva Goudinho de. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses: da redação científica à apresentação do texto final**. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Editora Lumem Juris, 2011.
- FOURIER, François M. C. O novo mundo industrial e societário. In: TEIXEIRA, A. (Org.). **Utópicos, heréticos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 67-96.
- FRANÇA FILHO, Genauto C. ; LAVILLE, Jean-Louis. **A Economia Solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- GAIGER, L. I. Economia solidária. In: GATTANI, A. S.; LAVILLE, J.-L.; GAIGER, L. I.(Coord.). **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Almedina, 2009.
- GUANZIROLI, C.; ROMEIRO, A.; BUAINAIN, A. M.; SABBATO, A. D.; BITTENCOURT, G. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. 288 p.
- GUERRA, Pablo (org.) (2007), “¿Cómo denominar a las experiencias económicas solidarias basadas en el trabajo? Diálogo entre académicos Latino americanos acerca de la polémica conceptual”. Otra Economía. **Revista Latino Americana de Economía Social y Solidária**.

HOUTART, François. **A economia solidária em seu contexto global**. In: Ciências Sociais, Unisinos, v. 37, n. 159, p. 11-25, 2001.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil**. Leituras cotidianas. 2005.

MARÉCHAL, Jean-Paul. **Humanizar a economia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

OWEN, Robert. O livro do novo mundo moral. In: TEIXEIRA, A. (Org.). **Utópicos, heréticos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.101-146.

PANDELÓ, FERNANDO RODRIGUES. **Socialismo, cooperativismo e economia solidária no pensamento de Paul Singer**. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEREIRA, Leonardo Coelho de. **Economia Solidária**. Belo Horizonte: O Lutador, 2009.
PROUDHON, Pierre-Joseph. O que é a propriedade? In: TEIXEIRA, A. (Org.). **Utópicos, heréticos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 233-298.

SAINT-SIMON, Henri de. Um sonho. In: TEIXEIRA, A. (Org.). **Utópicos, heréticos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 51-56.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Porto: Afrontamento. 11-19, 2004.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 2000).

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

Uma outra economia é possível: Paul Singer e a economia solidária. Andre Ricardo de Souza, Gabriela Cavalcante Cunha, Regina YonekoDakuzaku (orgs.). São Paulo: Editora Contexto, 2003.

VEIGA, Sandra Mayrink (2004). **Pensando o Brasil, a economia solidária e o desenvolvimento local**. Disponível em: <http://fmf.marista.edu.br/down/rs_ESDL.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2018.

VIEIRA, Valter Afonso. Vieira. As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing. **Rev. FAE**. Curitiba, v.5, n.1, p.61-70, jan./abr. 2002. Disponível em:<<http://www.mouraconsultoria.com.br/artigo/Tipologia...pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2013.

Sites consultados:

Disponível em: << <http://www.riless.org/otraeconomia>>>.

Histórias Vencedoras: Entenda como a CAPRIBOM ajudou a alavancar a economia de Monteiro através da Caprinocultura — Projeto Cooperar PB>. Acesso em: 29/03/2024.

Disponível em: <Página Inicial MDA Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (www.gov.br)>. Acesso em: 01/04/2024.

Disponível em: <Monteiro (PB) | Cidades e Estados | IBGE>. Acesso em: 02/04/2024.

Disponível em: <Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (bndes.gov.br)> Acesso em: 02/04/2024.

Disponível em: <PNAE - home — Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (www.gov.br)> Acesso em: 03/04/2024.

APÊNDICE A - ENTREVISTA

Prezado (a) membro da cooperativa dos produtores rurais de Monteiro/PB, o presente instrumento de pesquisa constitui um dos elementos integrantes do trabalho de conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão Pública - CDSA/UFCG, que deverá subsidiar a etapa referente à pesquisa de campo, cujo objetivo central é avaliar como a Economia solidária e a agricultura familiar pode ser uma alternativa ao problema do desemprego e inserção social para os seus cooperados. Solicitamos sua colaboração no sentido de responder essa entrevista com precisão e possível prontidão ao roteiro aqui elaborado. Cabe destacar o sigilo relativo aos participantes, que neste estudo não há respostas certas ou erradas, bem como não haverá individualização de respostas. Esteja certo de que a sua participação é muito importante para o êxito dessa pesquisa. Cientes de sua valiosa contribuição, agradecemos antecipadamente.

Rayane Kely da Silva Xavier, graduanda. E-mail: rayanakely50@gmail.com

Msc. Luiz Antônio Coêlho da Silva, Prof.Orientador.E-mail: luidd@yahoo.com.br

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Gênero:

Feminino Masculino

2. Faixa etária:

18 a 21 anos 22 a 30 anos 31 a 40 anos 41 a 50 anos acima de 51 anos

3. Função ou Cargo Atual que exerce: _____

4. Quanto tempo aproximadamente o(a) senhor(a) participa da Cooperativa CapriBom em Monteiro-PB?

menos de 03 anos 4 a 10 anos 11 a 20 anos 21 a 30 anos acima de 30 anos

5. Sua escolaridade:

alfabetizado não alfabetizado 1ª a 4ª série

fundamental incompleto fundamental completo

Ensino Médio incompleto Ensino Médio completo

6. Qual é a sua renda mensal?

menos de 1 salário mínimo 1 a 2 salários mínimo

até 1 salário mínimo acima de 3 salários mínimo

7. A Cooperativa dos produtores rurais CapriBom de Monteiro-PB possui sede própria?

sim não

8. A gestão pública municipal contribuiu para a melhoria econômica dos cooperados?

sim não

9. Você acha que é importante a participação dos sócios nas reuniões realizadas pela cooperativa dos produtores rurais de Monteiro-PB?

sim não

10. Em sua opinião, a gestão municipal poderia contribuir mais para o desenvolvimento desta associação e da comunidade?

sim não

11. O que levou você a fazer parte dessa cooperativa?

12. Os membros da cooperativa participam das decisões da associação?

sim não

13. O que mudou em sua vida depois de tornar-se um membro desta cooperativa?

14. O que você acha que poderia ser feito para melhorar a cooperativa que você participa?

15. Em sua opinião quais são as principais dificuldades que a cooperativa dos produtores rurais de Monteiro-PB enfrenta?

16. Em sua opinião, você acredita que sua cooperativa melhora o desenvolvimento da cidade em que você mora?

sim não

17. Você está satisfeita com o seu trabalho na cooperativa?

sim não

18. Em sua opinião, os membros da cooperativa são remunerados de acordo com suas contribuições e participação nas atividades da cooperativa?

sim não

19. A cooperativa promove a educação e o treinamento dos seus membros para fortalecer suas habilidades e capacidades?

sim não

20. Existe alguma sugestão, crítica ou comentário que você gostaria de fazer e não foi contemplado nas perguntas anteriores? Se sim, qual(is)?

Obrigado!